

RELIGIÃO, GÊNERO E SEXUALIDADE

ALINE D'ARISBO¹; PRISCILA DA SILVA RECH²; BEATRIZ VIÉGAS-FARIA³

¹*Acadêmica do Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos - UFPEL –
aline_darisbo@yahoo.com.br*

²*Acadêmica do Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos - UFPEL –
priscilasrech@gmail.com*

³*UFPEl – beatrizv@terra.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo originou-se do questionamento sobre o posicionamento do discurso religioso, principalmente o de denominações cristãs, sobre a diversidade sexual. Bem como do desejo de analisar como o discurso religioso influencia discursos homofóbicos e transfóbicos e é também influenciado por estes. O cristianismo é conhecido por sua firme oposição a identidades de gênero e sexualidades que escapem do padrão heteronormativo considerado natural. E, muitas vezes, o discurso religioso se mescla com um discurso homofóbico e transfóbico.

Porém esse posicionamento é inerente a todas as doutrinas de base cristã? O posicionamento preconceituoso está presente no discurso de todas as igrejas cristãs? Ou, apesar das interpretações bíblicas contrárias à diversidade sexual algumas instituições religiosas possuem um discurso mais brando? São essas questões que a presente pesquisa buscou responder.

Segundo Benveniste, uma pessoa se põe como sujeito no mundo ao se comunicar. Somente ao falar com outra pessoa e utilizar a fala é que se revela uma identidade. Este é o princípio da (inter)subjetividade em Benveniste.

Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando com outro homem que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem. (BENVENISTE 1976, p. 285)

Um ser humano quando fala se apropria da língua e com ela produz uma enunciação e, assim, se posiciona no mundo e revela seu posicionamento. Porém, ao analisar-se o enunciado, é necessário analisar quem é o locutor dessa fala. A partir das referências dessa pessoa, de suas experiências, seu contexto pessoal e o ambiente em que está é que é possível fazer a total interpretação desse enunciado.

A partir do conhecimento sobre quem é esta pessoa pode-se analisar a sua escolha de palavras e forma como as utiliza. A referência na fala revela quem o sujeito é. Assim, gera-se uma codependência. O homem só se torna o sujeito na língua ao falar (utilizar a linguagem), pois ao colocar em uso a língua este homem mostra a sua identidade, e ao mesmo tempo a sua identidade dá valor a sua fala.

A palavra, segundo BAKHTIN/VOLOCHINOV (2006, p. 35), “é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa”. Ou seja, o valor de uma palavra é atribuído por quem a utiliza, variando de usuário para usuário. Enquanto um termo pode carregar um determinado discurso, dependendo de quem o utiliza e

em que contexto, esse mesmo termo pode remeter a outro discurso em outras circunstâncias.

Falando sobre a concepção bakhtiniana de palavra como signo ideológico por excelência, BRANDÃO destaca que, “dialógica por natureza, a palavra se transforma em arena de luta de vozes que, situadas em diferentes posições, querem ser ouvidas por outras vozes” (2004).

FOUCAULT (1969) considera como discurso um conjunto de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva que corresponde a uma formação ideológica. Segundo FIORIN (2005), “assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva determina o que dizer”.

A língua pode ser vista como indicativo de mudanças na sociedade. Afinal segundo BAKHTIN

A evolução semântica na língua é sempre ligada à evolução do horizonte apreciativo de um dado grupo social e a evolução do horizonte apreciativo – no sentido da totalidade de tudo que tem sentido e importância aos olhos de um determinado grupo – é inteiramente determinada pela expansão da infraestrutura econômica. (2006, p. 139)

Além de estudos da análise do discurso e da enunciação esse trabalho encontrou respaldo em estudos sobre gênero de BENTO (2006) e sobre a relação entre religião e diversidade sexual de FURTADO e CALDEIRA (2010). Espera-se que esse estudo auxilie na ampliação de estudos sobre a aproximação do discurso cristão com os discursos contrários a diversidade sexual e ao não-binarismo de gênero.

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho foram realizadas entrevistas com cinco denominações religiosas selecionadas: a Igreja Evangélica Luterana do Brasil, a Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, a Igreja Católica Apostólica Romana e o Espiritismo. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas com base nas teorias de Bakhtin (2006) e de Benveniste (1976).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa já foi concluída com todas as entrevistas analisadas e interpretadas. A experiência que resultou neste trabalho foi variada, mas revela o porquê de existir a exclusão e o afastamento de pessoas que são de gênero e sexualidade diversos do padrão. Houve alguns entrevistados demonstrando desconforto em discutir o assunto, até mesmo agressividade ao falar sobre ele, e somente uma das religiões mostrou-se positiva diante do assunto, revelando que está examinando a possibilidade de começar a realizar casamentos de pessoas do mesmo gênero. Houve pessoas que foram receptivas, mas em sua fala demonstraram um preconceito enorme e uma grande ignorância sobre o assunto. Também houve um entrevistado que, para não excluir fiéis não-LGBTs, procura não abordar o assunto. Usando os teóricos nas análises as entrevistas foram bastante esmiuçadas pode-se encontrar, utilizando Bakhtin, refletido na fala dos entrevistados a sua ideologia. Com Benveniste analisou-se as falas com o conhecimento sobre quem as estavam enunciando e o seu contexto social.

4. CONCLUSÕES

Dos entrevistados somente um mostrou através de sua linguagem que não possui preconceitos. Foi permitido encontrar nessas entrevistas preconceitos em suas falas, pois como escreveu BENVENISTE (1976, p.17) “a linguagem [...] é um fato humano; é, no homem, o ponto de interação da vida mental e da vida cultural e ao mesmo tempo o instrumento dessa interação.” Portanto quando os entrevistados dialogaram com as entrevistadoras revelaram mais sobre si, sobre o seu mundo e sua história do que imaginaram, talvez até mesmo sem perceber demonstraram na sua fala os seus preconceitos.

Pôde-se observar a aproximação entre o discurso religioso e o discurso homofóbico na grande maioria das falas analisadas, pois conforme o conceito de BAKHTIN (2006) de palavra como língua como signo ideológico, durante a enunciação as palavras selecionadas pelo falante são definidas pela sua ideologia, sua visão de mundo. O fato de um dos entrevistados apresentar uma escolha de palavras que distanciou seu discurso dos outros sujeitos entrevistados comprova como a língua pode ser vista como indicativo de mudanças na sociedade.

Apesar do número pequeno de entrevistas para análise pode-se constatar que a relação entre LGBTs e religião é um assunto delicado. Ainda existe muita ignorância enraizada sobre sexualidade e gênero, e pessoas que estão à frente de igrejas disseminam em muitos casos essa ignorância. O que pode gerar esperança é o início do questionamento e cobrança de posicionamento de religiões, o que vem ocorrendo mais e mais, e também o acesso mais fácil ao conhecimento que pode acabar com essa ignorância. Por isso um trabalho como este é importante, pois tenta discutir e clarear um assunto que possui tanta controvérsia e ao mesmo tempo procura dialogar com outro meio também controverso como a religião.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV, V. N.). Marxismo e filosofia da linguagem. Tradução de Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BENTO, B. A reinvenção do corpo – sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BENVENISTE, É. Problemas de linguística geral. Tradução de Maria da Glória Novak, Luiza Neri. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- BRANDAO, H. H. N.. Introdução à análise do discurso. 2ª ed. rev. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2004.
- FIORIN, J. L. Linguagem e ideologia. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2005.
- FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- FURTADO M. C. S.; CALDEIRA A. C.. Cristianismo e diversidade sexual: conflitos e mudanças. In: Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010, Florianópolis. Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010. Acessado em 23 jul. 2015. Online. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278015256_ARQUIVO_tenvCRISTIANISMOEDIVERSIDADESEXUALConflitosemudancas.pdf> Acesso em: 13 abr. 2015.